

# Acadêmicas só têm um terço dos lugares de topo

Universidade de Coimbra apresenta hoje projeto de promoção da igualdade de género

**IGUALDADE** As mulheres ocupam apenas um terço dos lugares de topo da carreira académica na Universidade de Coimbra (UC), de acordo com um diagnóstico preliminar realizado pela academia para o projeto europeu de promoção da igualdade de género Supera, que é apresentado, hoje, na UC.

Mónica Lopes, investigadora do Centro de Estudos Sociais da UC e coordenadora do Supera, diz que, em 2015, havia 59% de homens em lugares de docência e investigação, contra 41% de mulheres a desempenhar as mesmas funções. Mas, à medida que se sobe na hierarquia, há um “afunilamento” e, “no topo da carreira académica, só há 29% de mulheres”, explica a investigadora, que considera necessário desenvolver um plano para promover a igualdade.

Noutros setores, nota-se igualmente o “afunilamento”. Apesar de 69% dos funcionários técnicos e administrativos da UC serem mulheres, quando se chega ao topo dos cargos de gestão, a percentagem de mulheres “desce para 54%”.

Quanto à discência, Mónica Lopes diz que “há mais mulheres a entrar no ensino superior mas, à medida que se evolui das licenciaturas para os doutoramentos, essa percentagem diminui”. Continua a haver

“segregação” nas áreas de formação: a maioria das mulheres vão para psicologia, educação, artes e humanidades e os homens cursam ciências, tecnologia e desporto.

## COMBATER SEGREGAÇÃO

A secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Rosa Monteiro, que marca presença na apresentação, diz que estes são “sinais de que ainda há assimetrias e formas de segregação que é preciso combater”. “Estamos a desperdiçar competências”, alerta, lembrando que as mulheres estão em maioria no Ensino Superior. A formação nesta matéria não deve ser negligenciada, pelo “reflexo” que tem na sociedade. ● z.c.

## PROJETO

### 300 mil euros

A UC conta com um financiamento de 300 mil euros do projeto europeu Supera para desenvolver ações que promovam igualdade de género no seio das instituições e na investigação.

### Vai durar quatro anos

Os investigadores têm um prazo de quatro anos para fazer um diagnóstico mais preciso, criar polos de igualdade de género e realizar ações diversas. O primeiro relatório será entregue em fevereiro.



Secretária de Estado Rosa Monteiro marca presença